O GLOBO
Publicado em 10/08/2022 - 05:57

País tem deflação de 0,68%, mas alívio é menor para os mais pobres

EFEITO DE COMBUSTÍVEL E ENERGIA

ALÍVIO DESIGUAL

País tem deflação de 0,68% em julho, mas impacto é menor para os mais pobres

CAROLINA NALIN
E CAMILLA ALCÂNTARA
economia@oglobo.com.br

Influenciado pela diminuição nos preços de combustíveis e energia elétrica, o país teve deflação de 0,68% em julho. É a primeira vez que o Brasil tem queda de preços desde maio de 2020, quando o país estava no auge das medidas restritivas em razão da Covid, e a deflação mais intensa desde o início da série histórica, em janeiro de 1980. O alívio nos preços, porém, não afeta o orçamento das famílias da mesma forma. Enquanto a classe média percebe diretamente no bolso o impacto da queda de itens como gasolina e conta de luz, no orçamento dos mais pobres, a alimentação tem maior peso e segue em alta.

A aprovação do projeto que limita o ICMS, imposto estadual, sobre itens como combustível, energia e telecomunicações a 17% (ou 18%, dependendo do estado) teve papel crucial para que o IPCA registrasse deflação. Nos cálculos de Claudia Moreno, economista do C6 Bank, sem essa ação, o IPCA de julho teria registrado alta de 0,7%.

Também contribuíram para o resultado a redução em R$ 0,20 do preço da gasolina cobrado na refinaria anunciado pela Petrobras dia 19 de julho. Na energia elétrica, descontos concedidos na conta de luz por dez distribuidoras, conforme determinado pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), também influenciaram.

Com estes efeitos, o grupo Transportes caiu 4,51% em julho. Somente a gasolina registrou queda de 15,48%, e o etanol, de 11,38%. A conta de luz ficou 5,78% mais barata no mês passado. A queda abrupta no preço da gasolina, porém, não tem maior impacto para famílias de renda mais baixa.

— Quanto mais você desce na distribuição de renda, menor é o peso da gasolina na cesta. A queda na inflação foi mais forte para quem tem renda mais alta — avalia Luciano Sobral, economista-chefe da Neo Investimentos.

> *"Não podemos falar de redução da inflação quando ela não está acontecendo para as famílias de baixa renda. Os alimentos, que são o grande desafio, estão com inflação real"*
>
> **André Braz,** economista e pesquisador da FGV

De outro lado, o grupo Alimentos e bebidas não deu trégua e acelerou de 0,8% em junho para 1,3%, acumulando alta de 14,7% em 12 meses.

— A alimentação está acima da inflação média. Para cada compra que a família faz, ela leva cada vez menos itens para casa. Não podemos falar de redução da inflação quando ela não está acontecendo para as famílias de baixa renda. Os alimentos, que são o grande desafio, estão com inflação real — diz André Braz, economista e pesquisador do Ibre/FGV.

Somente o leite longa vida subiu 25,46% em julho, ao passo que os preços de derivados do leite como queijo e manteiga avançaram 5,28% e 5,75%, respectivamente. Segundo o IBGE, o aumento destes produtos se deve ao período de entressafra, que ocorre de março até outubro, e aos custos mais elevados do produtor com fertilizantes e outros insumos. A alimentação em casa passou de 0,63% em junho para 1,47% em julho. Outro destaque foram as frutas, com alta de 4,4% no mês.

Levantamento da Suno Research mostra que itens da cesta básica — como café, óleo de soja, açúcar, margarina, leite e pão — acumulam altas de 17% a 66% em 12 meses. O início do pagamento do Auxílio Brasil de R$ 600, que começou ontem, pode produzir alívio neste momento para quem enfrenta preços que não cabem no orçamento, mas economistas destacam que, adiante, deve estimular o consumo e pressionar os preços.

— O próprio Auxílio Brasil vem para suprir a perda de poder de compra diante da inflação, mas ainda vemos muitos itens de alimentos mais caros. Então, de um lado, tem alívio. De outro, tem muitas pressões que corroem o poder de compra e prejudicam o consumo dos mais pobres — resume Gustavo Sang, economista-chefe da Suno Research.

INFLAÇÃO DE SERVIÇOS SOBE

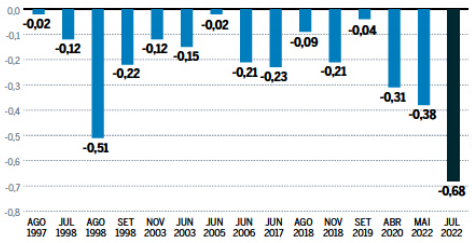
Mesmo com a deflação em julho, o IPCA acumula alta de 10,07% em 12 meses. Especialistas, porém, já preveem nova deflação em agosto, com o efeito residual da redução da gasolina anunciada dia 19 e com o novo corte de preço anunciado pela Petrobras no dia 29 de julho. Isso levaria a taxa acumulada em um ano para um dígito. Mas, economistas esperam nova alta de preços em setembro.

— Passadas essas quedas nos combustíveis, voltamos ao padrão incômodo de inflação em torno de 0,5%, 0,6% por mês. Não é o que vimos no começo do ano, em que tudo subia, mas é uma inflação ainda bastante alta — destaca Sobral, da Neo Investimentos, que projeta IPCA de 7,4% em 2022.

De outro lado, economistas ponderam que o resultado de julho reforça a proximidade do fim do ciclo de aumento de juros básicos, atualmente em 13,75% ao ano. Ainda há dúvidas no mercado se seria necessário um aumento de 0,25 ponto percentual em em setembro ou se o Banco Central poderia encerrar agora a trajetória de alta. Um dos fatores de preocupação é a inflação de serviços, que acumula alta de 8,87% em 12 meses, o maior patamar em oito anos.

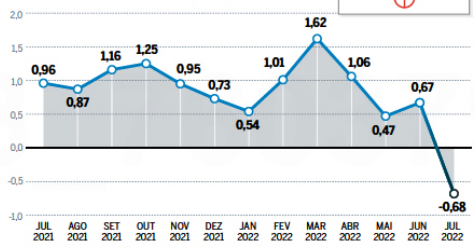
O COMPORTAMENTO DOS PREÇOS

Meses em que o país registrou deflação desde o início do Plano Real (em %)



Meses em que o país registrou deflação desde o início do Plano Real (em %)

IPCA acumulado em 12 meses ainda está em 10,07%



Combustíveis e energia tiveram queda após ações do governo para reduzir preços...

Gasolina	Etanol	Gás veicular	Energia elétrica
-15,48%	-11,38%	-5,67%	-5,78%

... mas os alimentos continuam a pressionar o orçamento

Leite longa vida	Queijo	Manteiga	Leite condensado	Frutas
25,46%	5,28%	5,75%	6,66%	4,40%

Fonte: Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) - IBGE

Editoria de Arte

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia **Pagina:** 13

Copyright © Clipclap 2025.